



Núcleo de Tradução das Sociais

O presente texto foi modificado para otimizar arquivos PDF, o processo envolve a separação de uma página em duas, e o reconhecimento de texto em imagens, de maneira que o arquivo se torne grifável por meio de programas OCR (Optical Character Recognition).

Vale lembrar que, a disponibilização de arquivos digitais de qualidade na faculdade também é uma pauta de permanência estudantil, uma vez que a experiência de leitura – tão crucial num curso de ciências sociais – é extremamente influente no processo de entendimento do material.

Caso tenha interesse em participar do nosso projeto, entre em contato no
instagram: @nts.usp

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

*

C. WRIGHT MILLS

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA

Tradução de
WALTENSIR DUTRA

Sexta edição



ZAHAR EDITORES

RIO DE JANEIRO

Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação da Universidade do Porto



Título original:

The Sociological Imagination

Publicado em 1959 pela Oxford University Press, Inc., Nova York

Copyright © 1959 by Oxford University Press, Inc.

A Harvey e Bette

capa de

ÉRICO

1982

Direitos para a língua portuguesa adquiridos por
ZAHAR EDITORES
Caixa Postal 207, ZC-00, Rio
que se reservam a propriedade desta versão

Impresso no Brasil

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 — A PROMESSA	9
O homem e o mundo moderno — A imaginação sociológica para a compreensão do mundo moderno — História e biografia — As características de nossa época — Os estilos de ciência social — Os denominadores comuns intelectuais — A ciência social, hoje — Conceitos de ciência social.	
CAPÍTULO 2 — A GRANDE TEORIA	33
Exemplos de estilo grandiloquente, com traduções — Reação à Grande Teoria — O equilíbrio social — Diferenças entre pensamento e observação — A legitimação do poder — Os meios do poder — O poder e a Grande Teoria — O problema da ordem.	
CAPÍTULO 3 — O EMPIRISMO ABSTRATO	59
Caráter geral e estilo de trabalho — Público e massa — As pesquisas de opinião — Estudos de estratificação — Os resultados da escola — Suas características intelectuais — Inibição metodológica — Filosofia e ciência — Problemas econômicos de pesquisa — A entrevista.	
CAPÍTULO 4 — TIPOS DE PRATICISMO	86
Problemas de avaliação — Julgamentos de valor — A utilidade prática das pesquisas — Economia e ciência social — A ciência social no século XIX — O liberalismo como denominador comum — O praticismo liberal — A Sociologia prática — O retardamento cultural — Os conservadores práticos.	
CAPÍTULO 5 — O ETHOS BUROCRÁTICO	112
O praticismo iliberal — A ciência social aplicada — As instituições de pesquisa — As fundações — Os jovens técnicos — O contexto social das atividades cultural e intelectual — O estadista acadêmico — Os grupos e os solitários — A engenharia humana — Burocratização do estudo social.	
CAPÍTULO 6 — FILOSOFIAS DA CIÊNCIA	131
A confusão das Ciências Sociais — A reunião de processos — "Teoria" e "método" — O empirismo do bom senso — Descer aos fatos — Teoria do progresso científico — O alinhamento dos problemas.	

CAPÍTULO 7 — A VARIEDADE HUMANA	144
O objeto da ciência social — Posição do cientista social frente à variedade humana — A unidade social: o Estado-nação — Dependências internacionais — Estrutura social e Sociologia — Ciência social e Antropologia — Limites das disciplinas das Ciências Sociais.	
CAPÍTULO 8 — USOS DA HISTÓRIA	156
O estudo histórico — Problemas de método — Ciências Sociais: disciplinas históricas? — Pano-de-fundo histórico — História e Sociologia — Psicologia histórica e social — Ciência social e Psicologia.	
CAPÍTULO 9 — DA RAZÃO E LIBERDADE	179
A história e o tempo presente — O papel da razão nas questões humanas — O homem e o robô — Ciência e razão e liberdade — Métodos de análise da razão e liberdade.	
CAPÍTULO 10 — DA POLÍTICA	192
O sentido político do trabalho do cientista social — A escolha de valores — Os meios de decisão — A posição do cientista social — O cientista social como professor — A tarefa política do cientista social.	
APÊNDICE: DO ARTESANATO INTELLECTUAL	211
A ciência social como ofício — A obra e a vida — A questão dos arquivos — A coleta de material — Os estudos empíricos — Como estimular a imaginação sociológica — Escrever claro.	
AGRADECIMENTOS	245

CAPÍTULO 1

A Promessa

Hoje em dia, os homens sentem, freqüentemente, suas vidas privadas como uma série de armadilhas. Percebem que dentro dos mundos cotidianos, não podem superar suas preocupações, e quase sempre têm razão nesse sentimento: tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem. Sua visão, sua capacidade, estão limitadas pelo cenário próximo: o emprêgo, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores. E quanto mais consciência têm, mesmo vagamente, das ambições e ameaças que transcendem seus cenários imediatos, mais encurralados parecem sentir-se.

Subjacentes a essa sensação de estar encurralados estão mudanças aparentemente impessoais na estrutura mesma de sociedades e que se estendem por continentes inteiros. As realidades da história contemporânea constituem também realidades para o êxito e o fracasso de homens e mulheres, individualmente. Quando uma sociedade se industrializa, o camponês se transforma em trabalhador; o senhor feudal desaparece, ou passa a ser homem de negócios. Quando as classes ascendem ou caem, o homem tem emprêgo ou fica desempregado; quando a taxa de investimento se eleva ou desce, o homem se entusiasma, ou se desanima. Quando há guerras, o corretor de seguros se transforma no lançador de foguetes; o caixeiro de loja, em homem do radar; a mulher vive só, a criança cresce sem pai. A vida do indivíduo e a

história da sociedade não podem ser compreendidas sem compreendermos essas alternativas.

E apesar disso, os homens não definem, habitualmente, suas ansiedades em termos de transformação histórica e contradição institucional. O bem-estar que desfrutam, não o atribuem habitualmente aos grandes altos e baixos das sociedades em que vivem. Raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jôgo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás dêles.

Isto não causa surpresa. Em que período da história tantos homens estiveram tão expostos, e de forma tão total, a transformações tão rápidas e completas? O fato de não terem os americanos conhecido modificações tão catastróficas quanto homens e mulheres de outras sociedades se deve a fatos históricos que se estão tornando, rapidamente, "apenas história". A história que atinge todo homem, hoje, é a história mundial. Dentro dêste cenário e dêste período, no curso de uma única geração, um sexto da humanidade passou de tudo o que era feudal e atrasado para tudo o que é moderno, avançado, terrível. As colônias políticas estão libertadas; instalaram-se novas formas de imperialismos, menos evidentes. Ocorrem revoluções; os homens sentem de perto a pressão de novos tipos de autoridade. Surgem sociedades totalitárias, e são esmagadas desfazendo-se em pedaços — ou obtêm êxito fabuloso. Depois de dois séculos de ascendência, o capitalismo é visto apenas como um processo de transformar a sociedade num aparato industrial. Depois de dois séculos de esperanças, até mesmo a democracia formal está limitada a uma pequena parcela da humanidade. Em todo o mundo subdesenvolvido, os velhos modos de vida se rompem e esperanças antes vagas se transformam em exigências prementes. Em todo o mundo superdesenvolvido, os meios de autoridade e violência tornam-se totais no alcance e burocráticos na forma. A própria humanidade se desdobra hoje à

nossa frente, concentrando cada superação, em seu respectivo pólo, seus esforços coordenados e maciços na preparação da Terceira Guerra Mundial.

A própria evolução da história ultrapassa, hoje, a capacidade que têm os homens de se orientarem de acôrdo com valores que amam. E quais são êsses valores? Mesmo quando não são tomados de pânico, êles vêem, com freqüência, que as velhas maneiras de pensar e sentir entraram em colapso, e que as formas incipientes são ambíguas até o ponto da estase moral. Será de espantar que os homens comuns sintam sua incapacidade de enfrentar os horizontes mais extensos à frente dos quais foram tão súbitamente colocados? Que não possam compreender o sentido de sua época e de suas próprias vidas? Que — em defesa do eu — se tornem moralmente insensíveis, tentando permanecer como seres totalmente particulares? Será de espantar que se tornem possuídos de uma sensação de encurralamento?

Não é apenas de informação que precisam — nesta Idade do Fato, a informação lhes domina com freqüência a atenção e esmaga a capacidade de assimilá-la. Não é apenas da habilidade da razão que precisam — embora sua luta para conquistá-la com freqüência lhes esgote a limitada energia moral.

O que precisam, e o que sentem precisar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro dêles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e públicos, cientistas e editôres estão começando a esperar daquilo que poderemos chamar de imaginação sociológica.

I.

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem freqüentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade mo-

derna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas.

O primeiro fruto dessa imaginação — e a primeira lição da ciência social que a incorpora — é a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que éle. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou de deleite da razão. Mas em nossa época chegamos a saber que os limites da “natureza humana” são assustadoramente amplos. Chegamos a saber que todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, e que vive dentro de uma seqüência histórica. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico.

A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa a sua tarefa e a sua promessa. A marca do analista social clássico é o reconhecimento delas: é a característica de Herbert Spencer — grandiloquente, polissilábico, geral; de E. A. Ross — gracioso, estrito, reto; de Auguste Comte e Emile Durkheim: do complicado e sutil Karl Mannheim. É a qualidade de tudo o que é intelectualmente excelente em Karl Marx; é a chave da brilhante e irônica perfeição de Thorstein Veblen, das formulações multilaterais que Joseph Schumpeter dá à realidade; é a base da penetração psicológica de W. E. H. Lecky, tal como da profundidade e clareza de Max Weber. É a marca do que há de melhor nos estudos contemporâneos do homem e da sociedade.

Nenhum estudo social que não volte ao problema da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma

sociedade completou a sua jornada intelectual. Quaisquer que sejam os problemas específicos dos analistas sociais clássicos, por mais limitadas ou amplas as características da realidade social que examinaram, os que tiveram consciência imaginativa das possibilidades de seu trabalho formularam repetida e coerentemente três séries de perguntas:

1) Qual a estrutura dessa sociedade como um todo? Quais seus componentes essenciais, e como se correlacionam? Como difere de outras variedades de ordem social? Dentro dela, qual o sentido de qualquer característica particular para a sua continuação e para a sua transformação?

2) Qual a posição dessa sociedade na história humana? Qual a mecânica que a faz modificar-se? Qual é seu lugar no desenvolvimento da humanidade como um todo, e que sentido tem para esse desenvolvimento? Como qualquer característica particular que examinemos afeta o período histórico em que existe, e como é por éle afetada? E esse período — quais as suas características essenciais? Como difere de outros períodos? Quais seus processos característicos de fazer a história?

3) Que variedades de homens predominam nessa sociedade e nesse período? E que variedades irão predominar? De que formas são selecionadas, formadas, liberadas e reprimidas, tornadas sensíveis ou impermeáveis? Que tipos de “natureza humana” se revelam na conduta e caráter que observamos nessa sociedade, nesse período? E qual é o sentido que para a “natureza humana” tem cada uma das características da sociedade que examinamos?

Seja o objeto do exame uma grande potência, ou uma passageira moda literária, uma família, uma prisão, um credo — são essas as perguntas que os melhores analistas sociais formularam. São os centros intelectuais dos estudos clássicos do homem na sociedade — e são perguntas formuladas inevitavelmente por qualquer espírito que possua uma imaginação sociológica. Pois essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra — da política para a psicológica; do exame de uma única família para a análise comparativa dos orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica para a estrutura militar; de considerações de uma indústria petrolífera para estudos da poesia contemporânea. É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transfor-

mações para as características mais íntimas do ser humano — e ver as relações entre as duas. Sua utilização se fundamenta sempre na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam.

É por isso, em suma, que por meio da imaginação sociológica os homens esperam, hoje, perceber o que está acontecendo no mundo, e compreender o que está acontecendo com eles, como minúsculos pontos de cruzamento da biografia e da história, dentro da sociedade. Em grande parte, a visão autoconsciente que o homem contemporâneo tem de si, considerando-se pelo menos um forasteiro, quando não um estrangeiro permanente, baseia-se na compreensão da relatividade social e da capacidade transformadora da história. A imaginação sociológica é a forma mais frutífera dessa consciência. Usando-a, homens cujas mentalidades descreviam apenas uma série de órbitas limitadas passam a sentir-se como se subitamente acordassem numa casa que apenas aparentemente conheciam. Certo ou não, com frequência passam a sentir que não podem proporcionar-se súmulas adequadas, análises coesas, orientações gerais. As decisões anteriores, que pareciam sólidas, passam a ser, então, como produtos de uma mente inexplicavelmente fechada. Sua capacidade de surpresa volta a existir. Adquirem uma nova forma de pensar, experimentam uma transvaliação de valores: numa palavra, pela sua reflexão e pela sua sensibilidade, compreendem o sentido cultural das Ciências Sociais.

2.

Talvez a distinção mais proveitosa usada pela imaginação sociológica seja a entre “as perturbações pessoais originadas no meio mais próximo” e “as questões públicas da estrutura social”. Essa distinção é um instrumento essencial da imaginação sociológica e uma característica de todo trabalho clássico na ciência social.

As perturbações ocorrem dentro do caráter do indivíduo e dentro do âmbito de suas relações imediatas com os outros; estão relacionadas com o seu eu e com as áreas limitadas da vida social, de que ele tem consciência direta e pessoal. Assim, a formulação e a resolução das perturbações se enquadram, adequadamente, no âmbito do indivíduo como entida-

de biográfica e dentro do alcance de seu meio imediato — o ambiente social que está aberto diretamente à sua experiência pessoal e, em certas proporções, à sua atividade consciente. Uma perturbação é um assunto privado: a pessoa sente que os valores por ela estimados estão ameaçados.

As questões relacionam-se com assuntos que transcendem esses ambientes locais do indivíduo e o alcance de sua vida íntima. Relacionam-se com a organização de muitos desses ambientes sob a forma de instituições de uma sociedade histórica como um todo, com as maneiras pelas quais os vários ambientes de pequena escala se confundem e se interpenetram, para formar a estrutura mais ampla da vida social e histórica. Uma questão é um assunto público: é um valor estimado pelo público que está ameaçado. Com frequência, há um debate sobre o que esse valor realmente representa e sobre o que realmente o ameaça. O debate frequentemente é impreciso, quando menos não seja porque é da própria natureza de uma questão que, ao contrário do que ocorre até mesmo com os problemas generalizados, não pode ser bem definida em termos dos ambientes imediatos e cotidianos do homem comum. A questão, na verdade, envolve quase sempre uma crise nas disposições institucionais, e com frequência também aquilo que os marxistas chamam de “contradições” ou “antagonismos”.

Nessas condições, consideremos o desemprego. Quando, numa cidade de cem mil habitantes, somente um homem está desempregado, isso é seu problema pessoal, e para sua solução examinamos adequadamente o caráter do homem, suas habilidades e suas oportunidades imediatas. Mas quando numa nação de 50 milhões de empregados, 15 milhões de homens não encontram trabalho, isso é uma questão pública, e não podemos esperar sua solução dentro da escala de oportunidades abertas às pessoas individualmente. A estrutura mesma das oportunidades entrou em colapso. Tanto a formulação exata do problema como a gama de soluções possíveis exigem que consideremos as instituições econômicas e políticas da sociedade e não apenas a situação pessoal e o caráter de um punhado de indivíduos.

Consideremos a guerra. O problema pessoal da guerra, quando ela ocorre, pode ser sobreviver ou morrer com hon-

ra; ganhar dinheiro com ela; elevar-se à alta segurança do aparato militar; ou contribuir para o seu término. Em suma, segundo os valores de cada um, encontrar um ambiente e dentro dele sobreviver à guerra, ou dotar de sentido a morte por ela provocada. Mas as questões estruturais da guerra relacionam-se com suas causas; com que tipos de homens ela eleva ao comando; com seus efeitos sobre as instituições econômicas, políticas, familiares e religiosas; com a irresponsabilidade desorganizada de um mundo de Estados-nações.

Consideremos o casamento. No casamento, o homem e a mulher podem ter perturbações pessoais; mas quando a taxa de divórcios durante os primeiros quatro anos de casamento é de 250 para cada 1.000, isso mostra que existe uma questão estrutural relacionada com as instituições do casamento e família, e outras, correlatas.

Ou consideremos a metrópole — a horrível, bela, feia, magnífica cidade grande. Para muita gente da classe superior, a solução pessoal para o "problema da cidade" é ter um apartamento com garagem, no centro da cidade, e a 60 quilômetros uma casa projetada por Henry Hill, com jardim de Garrett Eckbo, em cem acres de terras particulares. Nesses dois ambientes perfeitamente controlados — com uma pequena criadagem em cada e um helicóptero particular para fazer a ligação — a maioria das pessoas poderá resolver muitos dos problemas dos contextos pessoais, causados pelas condições da cidade. Mas tudo isso, por mais esplêndido, não resolve as questões públicas que a realidade estrutural da cidade cria. Que fazer com essa maravilhosa monstruosidade? Dividi-la em unidades esparsas, combinando residência e trabalho? Renová-la tal como se encontra? Ou, depois de evacuada, dinamitá-la e construir novas cidades de acordo com novos planos, em novos lugares? Quais deveriam ser esses planos? E quem decide e quem põe em prática as decisões tomadas? São questões estruturais; para enfrentá-las e solucioná-las é necessário considerar as questões políticas e econômicas que afetam numerosos ambientes.

Quando a estrutura econômica é tal que provoca depressões, o problema do desemprego foge à solução pessoal. Na medida em que a guerra é inerente ao sistema do Estado-nação e à industrialização irregular do mundo, o indivíduo

em seu ambiente limitado é impotente — com ou sem ajuda psiquiátrica — para resolver os problemas que esse sistema, ou falta de sistema, lhe cria. Na medida em que a família, como instituição, transforma as mulheres em adoráveis escravas e os homens em seus principais mantenedores e ao mesmo tempo dependentes, o problema de um casamento satisfatório continua a fugir a uma solução exclusivamente pessoal. Na medida em que a superdesenvolvida megalópole e o superdesenvolvido automóvel são características intrínsecas da sociedade superdesenvolvida, as questões públicas da vida urbana não serão resolvidas pela engenhosidade pessoal e pela riqueza particular.

Aquilo que experimentamos em vários e específicos ambientes de pequena escala, já o observei, é com frequência causado pelas modificações estruturais. Assim, para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos necessidade de olhar além deles. E o número e variedade dessas modificações estruturais aumentam à medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais gerais e mais complicadamente ligadas entre si. Ter consciência da idéia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica

3.

Quais as principais questões públicas para a coletividade e as preocupações-chaves dos indivíduos em nossa época? Para formular as questões e as preocupações, devemos indagar quais os valores aceitos e que estão ameaçados, e quais os valores aceitos e mantidos pelas tendências características de nosso período. Tanto no caso da ameaça como do apoio, devemos indagar que contradições de estrutura mais destacadas podem existir na situação.

Quando as pessoas estimam certos valores e não sentem que sobre eles pesa qualquer ameaça, experimentam o *bem-estar*. Quando os estimam mas sentem que estão ameaçados, experimentam uma crise — seja como problema pessoal ou

como questão pública. E se todos os seus valores estivessem em jogo, sentem a ameaça total do pânico.

Mas suponhamos que as pessoas não tenham consciência de valores aceitos nem de qualquer ameaça. Experimentam, então, a *indiferença*, que, se envolvê-los a todos, se transforma na apatia. Suponhamos, finalmente, que não tenham consciência de quaisquer valores estimados, mas ainda sintam agudamente uma ameaça. Experimentam, então, a *inquietação*, a ansiedade, que, se fôr bastante forte, torna-se uma doença mortal e não-específica.

Nossa época é uma época de inquietação e indiferença — ainda não formuladas de modo a permitir que sobre elas se exerçam a razão e a sensibilidade. Ao invés de problemas — definidos em termos de valores e ameaças — há com frequência a miséria da inquietação vaga; ao invés das questões explícitas, há com frequência o sentimento desanimador de que algo não está certo. Nem os valores ameaçados, nem aquilo que os ameaça, foram formulados. Em suma, não foram levados ao ponto de decisão. E muito menos foram formulados como problemas de ciência social.

Na década de 1930 eram poucas as dúvidas — exceto entre certos círculos econômicos iludidos de que havia uma questão econômica, constituindo também um conjunto de problemas pessoais. Nos argumentos sobre “a crise do capitalismo”, as formulações de Marx e muitas das reformulações de seu trabalho, não aceitas, provavelmente estabeleceram os principais termos da questão, e alguns homens chegaram a compreender seus problemas pessoais dentro desses termos. Os valores ameaçados eram vistos e estimados por todos; as contradições estruturais que os ameaçavam também pareciam evidentes, sendo experimentadas de modo geral e profundo. Era uma idade política.

Mas os valores ameaçados na era posterior à Segunda Guerra Mundial não são, com frequência, reconhecidos por todos como valores nem todos os julgam ameaçados. Muita inquietação pessoal deixa de encontrar formulação; e muito mal-estar público e decisões de enorme relevância estrutural jamais chegam a constituir-se em questões públicas. Para os que aceitam valores herdados, como razão e liberdade, é a inquietação em si que constitui o problema; é a indiferença em si que constitui a questão. E essa condição de inquieta-

ção e indiferença é que constitui a característica marcante do nosso período.

Tudo isso é tão surpreendente que os observadores frequentemente interpretam tal conjuntura como uma transformação dos tipos mesmos de problemas que precisam, agora, ser formulados. Ouvimos dizer, com frequência, que os problemas de nossa década, ou mesmo as crises de nosso período, passaram além do setor exterior da economia, e têm hoje relação com a qualidade da vida individual — na verdade, com a possibilidade de continuar havendo, dentro em breve, qualquer coisa a que se possa chamar adequadamente de vida individual. Não o trabalho infantil, mas as histórias em quadrinhos, não a pobreza, mas o ócio em massa, são os centros de preocupação. Muitas das grandes questões públicas bem como muitos problemas privados são descritos em termos “de psiquiatria” — frequentemente, numa tentativa patética de evitar as grandes questões e problemas da sociedade moderna. Tal formulação se baseia, quase sempre, num estreitamento provinciano do interesse das sociedades ocidentais, ou mesmo dos Estados Unidos — que assim ignoram dois terços da humanidade, quase sempre, também, separa arbitrariamente a vida individual das grandes instituições dentro das quais ela se realiza, e que por vezes nela influem de forma mais prejudicial do que o ambiente íntimo da infância.

Os problemas do ócio, por exemplo, não podem nem mesmo ser formulados sem considerarmos os problemas do trabalho. As preocupações da família com as histórias em quadrinhos não podem ser formuladas como problemas, sem considerarmos a sorte da família contemporânea em suas novas relações com as instituições mais recentes da estrutura social. Nem o lazer, nem a sua utilização debilitante, podem ser compreendidos como problemas, sem o reconhecimento das proporções em que o mal-estar e a indiferença hoje formam o clima social e pessoal da sociedade americana contemporânea. Nesse clima, nenhum problema da “vida privada” pode ser formulado e resolvido sem reconhecimento da crise de ambição que é parte da carreira mesma dos homens que trabalham na economia incorporada.

É certo, como os psicanalistas afirmam constantemente, que as pessoas experimentam, “cada vez mais, o sentimento

de serem movidas por forças obscuras dentro de si mesmas, e que são incapazes de definir". Mas não é verdade, como afirmou Ernest Jones, que "o principal inimigo do homem e seu principal perigo são sua própria natureza desordenada e as forças sombrias comprimidas dentro d'ele". Pelo contrário: "o principal perigo do homem" está nas forças desregradadas da própria sociedade contemporânea, com seus métodos de produção alienantes, suas técnicas envolventes de domínio político, sua anarquia internacional — numa palavra, suas transformações gerais da própria "natureza" do homem e das condições e objetivos de sua vida.

Hoje, a principal tarefa intelectual e política do cientista social — pois as duas aqui coincidem — é deixar claros os elementos da inquietação e da indiferença contemporâneas. É a exigência central que lhe fazem outros trabalhadores culturais — os cientistas físicos, os artistas, a comunidade intelectual em geral. É devido a essa tarefa e a essas exigências, creio, que as Ciências Sociais se estão transformando no denominador comum de nosso período cultural, e a imaginação sociológica na qualidade intelectual que mais necessitamos.

4.

Em toda idade intelectual, um estilo de reflexão tende a tornar-se o denominador da vida cultural. Hoje em dia, é certo, muitas modas intelectuais são aceitas amplamente, para serem pouco depois substituídas por outras, no curso de um ou dois anos. Esses entusiasmos podem acrescentar certo tempêro ao jogo cultural, mas deixam pouco, ou nenhum, traço intelectual. Isso não ocorre com formas de pensamento como a "Física newtoniana", ou a "Biologia darwiniana". Cada um desses universos intelectuais se torna uma influência que alcança muito além de qualquer esfera especial de idéias e imagens. Em termos dessas formas, ou nos termos que delas derivam, professores desconhecidos e comentaristas da moda reenquadram suas observações e reformulam suas preocupações.

Durante a era moderna, a ciência física e biológica foi o principal denominador comum da reflexão séria

e da metafísica popular nas sociedades ocidentais. "A técnica de laboratório" foi o modo de processo e a fonte de segurança intelectual. Esse é um dos significados da idéia de um denominador comum intelectual: os homens podem formular, em seus termos, suas convicções mais fortes; outros termos e outros estilos de reflexão parecem simples veículos de fuga e obscuridade.

A predominância de um denominador comum não significa, decerto, que não existam outros estilos de pensamento ou formas de sensibilidade. Mas significa, isso sim, que os interesses intelectuais mais gerais tendem a penetrar nessa área, a serem formulados, ali, com mais agudeza, e quando assim formulados, considera-se que chegaram, se não a uma solução, pelo menos a uma forma proveitosa de serem levados à frente.

A imaginação sociológica se está tornando, creio, o principal denominador da nossa vida cultural, e sua característica marcante. Essa qualidade da mente se encontra nas Ciências Sociais e Psicológicas, mas vai muito além desses estudos, tal como conhecemos. Sua aquisição pelos indivíduos e pela comunidade cultural em geral é lenta e por vezes hesitante; muitos cientistas sociais não têm consciência dela. Não parecem saber que o uso dessa imaginação é central ao melhor trabalho que possam realizar, que deixando de desenvolvê-la e usá-la estão deixando de atender às expectativas culturais que se fazem deles e que as tradições clássicas de suas várias disciplinas colocam à sua disposição.

Não obstante, nas preocupações fatuais e morais, no trabalho literário e na análise política, as qualidades dessa imaginação são regularmente necessárias. Numa grande variedade de expressões, tornam-se características centrais das realizações intelectuais e da sensibilidade cultural. Os principais críticos exemplificam-nas, e o mesmo fazem os jornalistas sérios — na verdade, o trabalho de ambos é frequentemente julgado nestes termos. As categorias populares de crítica — as hiperintelectualizadas, as de nível médio e as de nível inferior — são hoje pelo menos tão sociológicas quanto estéticas. Os romancistas — cujas obras sérias representam as definições mais generalizadas da realidade humana — possuem com frequência essa imaginação e procuram atender à procura que dela existe. Por meio dela, busca-se a orien-

tação para o presente como história. À medida que as imagens da "natureza humana" se tornam mais problemáticas, experimenta-se uma crescente necessidade de dedicar uma atenção mais cuidadosa, e ao mesmo tempo mais imaginativa, às rotinas e catástrofes sociais que revelam (e que condicionam) a natureza do homem nesta época de intranquilidade civil e conflito ideológico. Embora a moda se revele por vezes através da tentativa de utilizá-la, a imaginação sociológica não é apenas uma moda. É uma qualidade que parece prometer mais dramaticamente um entendimento das realidades íntimas de nós mesmos, em ligação com realidades sociais mais amplas. Não é apenas uma qualidade de espírito entre a variedade contemporânea de sensibilidades culturais — é a qualidade, cujo uso mais amplo e mais desembaraçado nos proporciona a perspectiva de que todas essas sensibilidades — e na verdade, a própria razão humana — virão a desempenhar um papel maior nas questões humanas.

O significado cultural da ciência física — o principal denominador comum antigo — se está tornando duvidoso. Como estilo intelectual, a ciência física está começando a ser considerada inadequada por muitos. A adequação dos estilos científicos de pensamento e sentimento, imaginação e sensibilidade, esteve decerto, desde o início, sujeita a dúvidas religiosas e controvérsia teológica, mas nossos avós e pais científicos as eliminaram. As atuais são seculares, humanísticas — e, com frequência, bastante confusas. Fatos recentes na ciência física — com seu ponto culminante, tecnologicamente, na bomba H e nos meios de transportá-la — não foram sentidos como uma solução para qualquer dos problemas conhecidos e estudados profundamente pelas grandes comunidades intelectuais e públicos culturais. Tais fatos foram corretamente considerados como resultado de uma pesquisa altamente especializada, e tidos, imprópriamente, como muito misteriosos. Provocaram mais problemas — intelectuais e morais — do que resolveram, e os problemas assim criados estão mais na área das questões sociais do que físicas. A evidente conquista da natureza, a superação da escassez, é sentida pelos homens das sociedades superdesenvolvidas como virtualmente completa. E hoje, nessas sociedades, a ciência — o principal instrumento de tal conquista — está desorientada, sem objetivo e necessitando de uma reavaliação.

A valorização moderna da ciência há muito vem sendo apenas suposta, mas hoje o elemento moral na tecnologia e o tipo de imaginação engenheiral associada a essa ciência muito mais provavelmente serão ambíguas e aterrorizadoras do que esperançosas e progressistas. É claro que a ciência não se limita a isso, mas teme-se que tal limitação venha a ocorrer. A necessidade, que se experimenta, de reavaliar a ciência física reflete a necessidade de um novo denominador comum. É o sentido humano e o papel social da ciência, seus aspectos militar e comercial, sua significação política, que estão sendo objeto de uma revisão confusa. O desenvolvimento científico das armas bélicas pode levar à "necessidade" de uma redistribuição política do mundo — mas tal "necessidade" não é, ao que se pensa, passível de solução apenas pela ciência física.

Muito do que se considerava como "ciência" passou a ser visto hoje como uma filosofia dúbia; muito do que se considerava como "verdadeira ciência" freqüentemente nos proporciona apenas fragmentos confusos das realidades entre as quais vive o homem. Homens de ciência, pelo que se acredita geralmente, já não tentam retratar a realidade como um todo ou apresentar um esboço verdadeiro do destino humano. Além disso, a "ciência" parece a muitos menos um elemento moral criador e uma forma de orientação do que um grupo de Máquinas Científicas, operadas por técnicos e controladas por economistas e militares, que não a representam nem a compreendem como ética e orientação. Enquanto isso, os filósofos que falam em nome da ciência com frequência a transformam num "cientificismo", considerando sua experiência idêntica à experiência humana, e pretendendo que somente pelos seus métodos podem os problemas da vida ser resolvidos. Com tudo isso, muitos trabalhadores culturais passaram a considerar a "ciência" como um falso e pretensioso Messias, ou pelo menos um elemento altamente ambíguo na civilização moderna.

Mas há, na frase de C. P. Snow, "duas culturas": a científica e a humanista. Seja como história ou drama, como biografia, poesia ou ficção, a essência da cultura humanista tem sido literária. Afirmam-se hoje, por vezes, que a literatura séria tornou-se, sob muitos aspectos, uma arte menor. Se assim fôr, não é apenas devido ao desenvolvimento de pú-

blicos de massa e de meios de comunicação de massa, e tudo o que isso significa para a produção literária séria. É também devido à qualidade mesma da história de nossa época e dos tipos de necessidade que os homens de sensibilidade experimentam para apreender essa qualidade.

Que ficção, que jornalista, que atividade artística pode concorrer com a realidade histórica e os fatos políticos de nosso tempo? Que visão dramática do inferno pode concorrer com os acontecimentos da guerra do século XX? Que denúncias morais podem alcançar as proporções da insensibilidade moral dos homens, diante das agonias da acumulação primitiva? Os homens desejam conhecer a realidade social e histórica, e freqüentemente não vêem na literatura contemporânea um meio adequado de conhecê-la. Anseiam por fatos, buscam-lhe os sentidos, querem um "retrato maior" no qual possam acreditar e dentro do qual se possam compreender. Desejam também valores que os orientem, e formas de sentimento adequadas, estilos de emoção e vocabulários de motivos que sejam também adequados. E não os encontram facilmente na literatura de hoje. Não importa se essas qualidades deveriam ser encontradas ali — importa é que, com freqüência, não o são.

No passado, os homens da literatura, os críticos e historiadores, tomavam notas sobre a Inglaterra e sobre viagens à América. Procuravam caracterizar cada uma das sociedades como um todo, e discernir-lhes os significados. Se Tocqueville ou Taine fôssem vivos hoje, não seriam sociólogos? Fazendo essa pergunta sobre Taine, um comentarista do *The Times* (de Londres) sugere:

Taine sempre viu o homem principalmente como um animal social e a sociedade como uma coleção de grupos; podia observar minuciosamente, era um incansável investigador de campo, e possuía uma qualidade... particularmente valiosa para perceber as relações entre os fenômenos sociais — a qualidade da vivacidade. Estava demasiado interessado no presente para ser um bom historiador, era teórico demais para tentar o romance, e considerava a literatura demasiado como um documento na cultura de uma era ou um país, para atingir um lugar destacado como crítico... Seu trabalho sobre a literatura inglesa é menos sobre esta, propriamente dita, do que um comentário sobre a moralidade da sociedade inglesa, e um veículo de seu positivismo. É acima de tudo um teórico social.¹

¹ Suplemento Literário do *Times*, 5 de novembro de 1957.

O fato de que ele tenha permanecido antes um "homem literário" do que um "cientista social" talvez constitua um testemunho de domínio, em grande parte da ciência social do século XIX, da busca zelosa de "leis", presumidamente comparáveis às que se julgam terem sido descobertas pelos cientistas naturais. Na ausência de uma ciência social adequada, críticos e romancistas, dramaturgos e poetas foram os principais, e com freqüência os únicos, formuladores dos problemas privados e até mesmo das questões públicas. A arte expressa tais sentimentos, e freqüentemente os focaliza — e quando é boa, com agudeza dramática — mas mesmo assim não o faz com a clareza intelectual hoje exigida para seu entendimento, ou para sua solução. A arte não formula, e não pode formular, tais sentimentos como problemas encerrando as preocupações e as questões que os homens enfrentam, para que possam superar sua inquietação e sua indiferença, e as misérias insuportáveis a que estas levam. O artista, na realidade, não tenta com freqüência tal formulação. Além disso, o artista sério está, ele mesmo, em confusão, e muito necessitado de uma ajuda intelectual e cultural de uma ciência social que a imaginação sociológica tornou viva.

5.

É meu objetivo, aqui, definir o sentido das Ciências Sociais para as tarefas culturais de nossa época. Quero especificar os tipos de esforços que estão por trás do desenvolvimento da imaginação sociológica; indicar suas implicações para a vida cultural e política, e talvez sugerir parte do que é necessário para possuí-la. Dessa forma, quero deixar claro a natureza e os usos das Ciências Sociais, hoje, e apresentar uma descrição limitada de sua situação contemporânea, nos Estados Unidos.²

² Devo dizer que prefiro muito mais a expressão "estudos sociais" do que "ciências sociais" — não porque não me agradem os cientistas físicos (pelo contrário), mas porque a palavra "ciência" adquiriu grande prestígio e um sentido bastante impreciso. Não sinto qualquer necessidade de roubar esse prestígio ou tornar o sentido ainda menos preciso usando-a como uma metáfora filosófica. Suponho, entretanto, que se escrevesse sobre os "estudos sociais", os leitores pensariam apenas na educação cívica dos cursos secundários — que, de todos os setores do conhecimento humano, é o que menos

A "ciência social" consiste, é claro, daquilo que os cientistas sociais, como tal reconhecidos, estiverem fazendo em determinado momento — mas nem todos estão fazendo a mesma coisa, na verdade, nem mesmo coisas parecidas. A ciência social é também o que os cientistas sociais do passado fizeram — mas diferentes estudiosos acolhem e usam diferentes tradições em suas disciplinas. Quando falo da "promessa da ciência social", espero estar claro que me refiro à promessa, tal como a entendo.

Atualmente, entre os cientistas sociais, há uma apreensão generalizada tanto intelectual como moral sobre a direção que seus estudos estão tomando. Essa apreensão, bem como as tendências infelizes que para ela contribuem, são,

me atraí. "Ciências do comportamento" é uma expressão simplesmente impossível, criada, creio, como recurso de propaganda para obter dinheiro para a pesquisa social de Fundações e Congressistas que confundem "ciência social" com "socialismo". A melhor expressão incluiria história (e psicologia, na medida em que se ocupa dos seres humanos), e seria o menos controversa possível, pois deveríamos argumentar com palavras e não lutar por causa delas. Talvez "disciplinas humanas" servisse. Mas não importa. Com a esperança de não ser mal compreendido por muitos, curvo-me à convenção e uso "ciências sociais", mais comum.

Um outro ponto: espero que meus colegas aceitem a expressão "imaginação sociológica". Os cientistas políticos que leram os originais deste livro sugerem "imaginação política"; os antropólogos, "imaginação antropológica" — e assim por diante. A expressão importa menos do que a idéia, que espero deixar clara no curso deste livro. Com ela, não desejo, decerto, sugerir apenas a disciplina acadêmica da Sociologia. Muito do que a frase significa para mim não encontra expressão nos sociólogos. Na Inglaterra, por exemplo, a Sociologia como disciplina acadêmica é ainda um pouco marginal, e não obstante em grande parte do jornalismo, ficção e, acima de tudo, na história, a imaginação sociológica é ali realmente muito desenvolvida. O mesmo ocorre na França: tanto a confusão como a audácia do pensamento francês desde a Segunda Guerra Mundial se baseiam no seu sentimento sobre as características sociológicas do destino do homem em nossa época, e não obstante essas tendências são manifestadas por homens de letras, e não pelos sociólogos profissionais. Não obstante, emprego "imaginação sociológica" porque: 1) todo sapateiro pensa que só existe o couro e eu, por bem ou por mal, sou um sociólogo; 2) creio que historicamente a qualidade de espírito tem sido evidenciada com mais frequência e intensidade pelos sociólogos clássicos do que por quaisquer outros cientistas sociais; 3) como vou examinar criticamente várias curiosas escolas sociológicas, preciso de uma contra-expressão sobre a qual me apoiar.

creio eu, parte de um mal-estar geral contemporâneo da vida intelectual. Não obstante, talvez a apreensão seja mais aguda entre os cientistas sociais, porque perspectivas mais amplas guiaram grande parte do trabalho anterior, em seus campos, e devido à natureza dos assuntos de que se ocupam e à necessidade urgente de um trabalho significativo.

Nem todos participam dessa apreensão, mas o fato de que isso ocorra é, em si, causa para maiores constrangimentos entre os que estão alertas às perspectivas e são bastante honestos para admitir a mediocridade pretensiosa de grande parte do atual esforço. Falando francamente, espero contribuir para essa apreensão, definir parte de suas fontes e ajudar a transformá-la numa necessidade específica de realizar a promessa da ciência social, abrir o caminho para novos começos; em suma, indicar algumas das tarefas à mão, e os meios disponíveis para realizar o trabalho que deve ser feito agora.

Ultimamente, o conceito de ciência social, que defendo, não vem predominando. Minha concepção se opõe à ciência social como um corpo de técnicas burocráticas que inibem a pesquisa social com suas pretensões "metodológicas", que congestionam esse trabalho com conceitos obscurantistas, ou que os vulgarizam pela preocupação com problemas insignificantes, sem relação com as questões de relevância pública. Essas inibições, obscuridades e vulgarizações criaram uma crise nos estudos sociais de hoje, sem sugerir, pelo menos, uma saída para a crise.

Certos cientistas sociais acentuam a necessidade de "grupos de pesquisa de técnicos", outros o primado do erudito individual. Alguns outros, ainda, gastam grandes energias com o refinamento dos métodos e técnicas de investigação; outros pensam que os processos eruditos do artesanato intelectual estão sendo abandonados e devem agora ser reabilitados. Outros realizam seu trabalho de acordo com um conjunto de processos mecânicos rígidos; alguns procuram desenvolver, estimular e usar a imaginação sociológica. Os que são partidários do alto formalismo da "teoria" associam conceitos de forma que parece aos demais curiosa, e estes, por sua vez, defendem a elaboração de termos somente quando se torna claro que isso amplia a escala da sensibili-

dade e estimula o raciocínio. Há os que estudam, limitada-mente, apenas ambientes de pequena escala, na esperança de atingir os conceitos de estruturas mais amplas, com isso; outros examinam as estruturas sociais nas quais procuram “localizar” muitos ambientes menores. Alguns, desprezando totalmente os estudos comparativos, ocupam-se apenas de uma pequena comunidade de uma determinada sociedade de cada vez; outros, num trabalho plenamente comparativo, tratam diretamente das estruturas sociais nacionais do mundo. Outros limitam sua pesquisa exata às conseqüências, a curto prazo, das questões humanas; outros se ocupam de questões que só se tornam evidentes na perspectiva histórica mais longa. Alguns especializam seu trabalho segundo os departamentos acadêmicos; outros, valendo-se de todos os departamentos, especializam-se pelos tópicos ou problemas, a despeito de sua posição acadêmica. Alguns comparam a variedade da história, biografia, sociedade; outros não o fazem.

Tais contrastes, e muitos outros de tipo semelhante, não são necessariamente alternativas autênticas, embora no calor da controvérsia ou na preguiçosa segurança da especialização frequentemente sejam considerados como tal. A esta altura, apenas os apresento em forma rudimentar, voltando a falar deles lá pelo fim deste livro. Espero, decerto, revelar tôdas as minhas tendências, pois julgo que os julgamentos devem ser explícitos. Mas também estou procurando, a despeito de meus próprios juízos, formular os sentidos culturais e políticos da ciência social. Minhas tendências não são, evidentemente, nem mais nem menos tendenciosas que as examinadas neste livro. Que as pessoas a elas contrárias usem essa oposição para tornar suas tendências tão explícitas e reconhecidas quanto as minhas! Então os problemas morais do estudo social — o problema da ciência social como uma questão pública — serão identificados, e a discussão se tornará possível. Haverá maior autoconsciência generalizada — o que é, decerto, uma condição preliminar para a objetividade, no empreendimento da ciência social como um todo.

Em suma, creio ser o que se pode chamar hoje de análise clássica um conjunto estável e utilizável de tradições; que sua característica essencial é a preocupação com as estruturas sociais históricas; e que seus problemas são de relevância direta para as questões públicas urgentes e para os problemas humanos insistentes. Também acredito que há hoje

grandes obstáculos no caminho da continuação dessa tradição — tanto dentro das Ciências Sociais como de seus meios acadêmico e político — mas que, não obstante as qualidades de espírito que a constituem se estejam tornando um denominador comum de nossa vida cultural geral e que, por mais vaga e por mais confusa que seja a variedade de disfarces, a necessidade delas está começando a ser experimentada.

Muitos praticantes da ciência social, especialmente na América, parecem-me curiosamente relutantes em aceitar o desafio que está hoje à sua frente. Muitos, na verdade, abdicam das tarefas intelectuais e políticas da análise social; outros, sem dúvida, simplesmente não estão à altura do papel que, apesar disso, lhes foi atribuído. Por vészes, parecem ter, deliberadamente, utilizado velhos estratagemas e desenvolvido uma timidez nova. Mas apesar dessa relutância, a atenção intelectual e pública está agora focalizada de modo tão evidente sobre os mundos sociais, presumidamente estudados por êses praticantes da ciência social, que devemos concordar que eles têm uma oportunidade singular. Nessa oportunidade está revelada a promessa intelectual das Ciências Sociais, os usos culturais da imaginação sociológica, e o sentido político dos estudos do homem e da sociedade.

6.

Embora isso seja bastante constrangedor para um sociólogo, tôdas as tendências infelizes (com a possível exceção de uma) que examinarei nos capítulos seguintes se enquadram naquilo que habitualmente se considera como o “campo da Sociologia”, embora a abdicação cultural e política a elas implícita caracterize, sem dúvida, grande parte do trabalho diário de outras Ciências Sociais. Seja qual fôr a verdade em disciplinas como a Ciência Política e a Economia, a História e a Antropologia, é evidente que nos Estados Unidos de hoje o que se conhece como Sociologia tornou-se o centro de reflexão sobre a ciência social. Tornou-se o centro de interesse pelos métodos, e nêle encontramos também o mais extremado interesse pela “teoria geral”. Uma variedade realmente notável de trabalhos intelectuais participou do desenvolvimento da tradição sociológica. Interpretar essa variedade como Uma Tradição é, em si, uma audácia. Mas talvez haja concordância geral quanto ao fato de que a atividade

hoje reconhecida como trabalho sociológico vem tendendo a movimentar-se numa ou mais de três direções gerais, cada qual sujeita a deformação, e a esboroar-se no chão.

Tendência I: No sentido de uma teoria da história. Nas mãos de Comte, por exemplo, como nas de Marx, Spencer e Weber, a Sociologia é um empreendimento enciclopédico, ocupando-se da totalidade da vida social do homem. É ao mesmo tempo histórica e sistemática — histórica, porque trata de material do passado, e dele se utiliza; sistemática, porque o faz a fim de discernir “os estágios” do curso da história e as regularidades da vida social.

A teoria da história do homem pode deformar-se muito facilmente numa camisa-de-fôrça trans-histórica, na qual os materiais da história humana são introduzidos a fôrça, e da qual surgem visões proféticas (habitualmente sombrias) do futuro. As obras de Arnold Toynbee e de Oswald Spengler são exemplos bem conhecidos.

Tendência II: No sentido de uma teoria sistemática “da natureza do homem e da sociedade”. Por exemplo, nos trabalhos dos formalistas, notadamente Simmel e Von Weise, a Sociologia passa a ocupar-se de conceitos criados para a classificação de tôdas as relações sociais e que proporcionam uma visão de suas características supostamente invariáveis. Ocupa-se, em suma, com uma visão bastante estática e abstrata dos componentes da estrutura social, num nível de generalidade bastante elevado.

Talvez em reação à deformação da Tendência I, a história possa ser totalmente abandonada: a teoria sistemática da natureza do homem e da sociedade passa a ser, com demasiada facilidade, um formalismo complicado e árido, no qual a divisão dos Conceitos e uma interminável redistribuição torna-se a principal tarefa. Entre o que eu chamarei de Grandes Teóricos, as concepções tornaram-se, realmente, Conceitos. A obra de Talcott Parsons é o principal exemplo contemporâneo da Sociologia americana.

Tendência III: No sentido de estudos empíricos dos fatos e problemas sociais contemporâneos. Embora Comte e Spencer fôssem os esteios principais da ciência social americana até 1914, aproximadamente, e fôsse intensa a influên-

cia teórica alemã o levantamento empírico tornou-se central nos Estados Unidos, logo de início. Isso resultou, em parte, da existência acadêmica anterior da Economia e da Ciência Política. Levando-se isso em conta, e na medida em que a Sociologia é definida como o estudo de uma área especial da sociedade, ela se torna facilmente uma espécie de tarefa excêntrica entre as Ciências Sociais, constituída de estudos miscelâneos e restos acadêmicos. Há os estudos das cidades e famílias, das relações raciais e étnicas, e naturalmente dos “pequenos grupos”. Como iremos ver, a miscelânea resultante foi transformada num estilo de pensamento, que examinarei sob a denominação de “practicalismo liberal”.

Os estudos da realidade contemporânea podem tornar-se facilmente uma série de fatos desconexos e com freqüência insignificantes, se relacionados apenas com ambientes de pequena escala. Muitos cursos sôbre a Sociologia americana ilustram isso, e talvez os livros didáticos no setor da desorganização social o revelem melhor ainda. Por outro lado, os sociólogos têm a tendência de se tornarem especialistas na técnica de pesquisa de quase tudo: entre eles, os métodos se transformaram na Metodologia. Grande parte do trabalho — e do *ethos* nêle existente — de George Lundberg, Samuel Stouffer, Stuart Dodd, Paul F. Lazarsfeld são exemplos atuais. Essas tendências — de dispersar a atenção e cultivar o método pelo método — são dignas companheiras, embora não ocorram necessariamente juntas.

As peculiaridades da Sociologia podem ser compreendidas como deformações de uma ou mais de suas tendências tradicionais. Mas suas promessas também podem ser compreendidas em termos dessas tendências. Nos Estados Unidos de hoje surgiu uma espécie de amálgama helenístico, incorporando vários elementos e finalidades das Sociologias de diversas sociedades ocidentais. O perigo é que em meio dessa abundância sociológica, outros cientistas sociais se tornem tão impacientes, e os sociólogos com tal ansiedade de “pesquisa”, que percam o contrôle de um legado realmente valioso. Mas há também uma oportunidade, em nossa condição: a tradição sociológica encerra as melhores formulações da promessa cabal de Ciências Sociais como um todo, bem como certa realização parcial de tal promessa. A nuance e

a sugestão que os alunos de Sociologia possam encontrar em suas tradições não podem ser resumidas com brevidade, mas qualquer cientista social que as considerar se sentirá ricamente compensado. O domínio pode ser transformado, facilmente, em novas orientações para seu trabalho na ciência social.

Voltarei às promessas da ciência social (nos capítulos 7 a 10), depois de um exame de suas deformações mais comuns (capítulos 2 a 6).

CAPÍTULO 2

A Grande Teoria

COMECEMOS com um exemplo da grande teoria, extraído de *The Social System*, de Talcott Parsons — considerado, geralmente, como um importantíssimo livro, por um dos mais eminentes representantes desse estilo.

Um elemento do sistema simbólico partilhado que serve como critério ou padrão para a seleção entre as alternativas de orientação que estão intrinsecamente abertas numa situação pode ser chamado de valor... Mas é necessário distinguir desse aspecto motivacional de orientação a totalidade da ação, em vista do papel dos sistemas simbólicos, um aspecto de "valor-orientação". Tal aspecto se relaciona não com o sentido do estado de coisas esperado do agente, em termos de seu equilíbrio de satisfação e privação, mas do conteúdo dos padrões seletivos em si. O conceito de valor-orientação, nesse sentido, é, portanto, um recurso lógico para a formulação de um aspecto central da articulação das tradições culturais no sistema de ação.

Segue-se da derivação da orientação normativa e do papel dos valores em ação, tal como dissemos acima, que todos os valores envolvem o que poderíamos chamar de referência social... É inerente a um sistema de ação que a ação seja, para usarmos a expressão, "orientada normativamente". Isso se segue, como mostramos, do conceito de expectativas e seu lugar na teoria da ação, especialmente na fase "ativa", na qual o agente persegue metas. As expectativas, portanto, em combinação com a "dupla contingência" do processo de interação, como foi chamado, criam um problema crucialmente imperativo de ordem. Dois aspectos desse problema de ordem podem, por sua vez, ser distinguidos, ordem nos sistemas simbólicos que torna possível a comunicação, e ordem na mutualidade da orientação motivacional para o aspecto normativo das expectativas, o problema "hobbesiano" da ordem.